



CO  
RA  
ÇÃO  
OCEANO

RAÍSSA IJANC'

**CO  
RA  
ÇÃO  
OCEANO**



Eu voltei para o Brasil, depois de quase dois meses na França, resistindo aos imprevistos causados pelo Covid. Eu cheguei ao aeroporto já destroçada, me sentia vazia. É tão estranho perceber como a tristeza consome a gente de forma tão imperceptível. Um dia, você se sente deprimido, com vontade de dormir e acha que é apenas um dia cinza; no outro, percebe que não sobrou mais nada, que só faz respirar.

Confesso que não imaginava que estivesse tão triste até me olhar no espelho, no dia da minha volta ao Brasil, e me perceber extremamente magra e abatida.

Minhas malas estavam prontas e eu estava desesperada para sair dali, deixar aquele quarto onde vivi dois meses de inverno completamente só e voltar às terras quentes do meu Brasil querido e para os braços do meu amor, da minha mulher amada.

Me vesti, botei um jeans, uma blusa de lã e um casaco de inverno. Ao me vestir, fiquei surpresa ao ver que as roupas já não me caíam bem, elas estavam grandes demais ou talvez eu estivesse demasiadamente pequena para elas. Acho que estava pequena para a vida, estava reduzida a um ser que respirava e chorava.

Eva me buscou no aeroporto, eu a vi de longe e o oceano correu pelos meus olhos. Tudo em mim vazou naquele momento. As ondas que segurava há dois meses explodiram em mim com uma força que causava dor, eu chorava um oceano dolorido.

Ela me abraçou – também chorando –, mas eu não a sentia em meus braços. Quem era aquela mulher que eu já não reconhecia? Eu olhava seus olhos e não conseguia ver a mulher que eu havia deixado há dois meses com a promessa de pas-

sarmos o Natal juntas. Eu a agarrei com a força que me restava, chorando, me desfazendo em seus braços ao mesmo tempo em que tentava me manter de pé; e, ainda que pusesse toda a força do mundo naquele abraço, eu não a sentia, eu abraçava o ar e aquilo foi como morrer em vida.

A primeira vez que a vi, eu ainda era uma menina, uma pré-adolescente. Eu treinava basquete com minhas amigas, nunca fui boa em esportes – uma frustração –, mas, honestamente, eu tentava e me fazia bem fazer parte de um grupo, ainda que eu não me destacasse nele por minhas habilidades esportivas.

Um dia, cheguei ao ginásio de esportes da cidade acompanhada por uma amiga, nós conversávamos sobre coisas típicas da vida adolescente: escola, provas, paixonites. Tudo normal em mais um dia de treino e, de repente, eu a vi.

Ela estava sentada na arquibancada, tinha os cabelos presos, divididos ao meio, e vestia roupas de ginástica que pareciam comuns não fosse o fato de ela ficar extremamente bem vestida daquele jeito. Ela era simples e sorridente. Tinha um rosto simétrico, como se tivesse sido desenhada; olhos e nariz tão pequenos, queixo levemente pontudo e boca bem traçada.

Aquela menina, para mim, era como uma aparição. Ou talvez algo que se aproximasse do sagrado.

Não sei dizer, mas nunca havia me sentido daquele jeito antes. Eu não pude compreender naquele momento e não compreendo até hoje. Fato é que, naquele instante, algo acontecia.

Eu olhei para minha amiga e disse: “Essa é a menina mais linda que eu já vi”. Eu tinha 15 para 16 anos, e meu mundo parou por uns instantes. O sentimento era novo, mas eu queria permanecer nele por algum tempo. Nós não nos falamos naquele dia.

Depois do treino, voltei para casa, acompanhada de minha amiga. Não falei sobre como me sentia, falar de sentimentos estranhos e não compreendidos por outra menina não era algo que se fazia com frequência naquela época. Na verdade, eu não entendia o que estava sentindo, mas não me questionava pelo fato de não conseguir tirar aquela menina da cabeça. Acredito

que os sentimentos me preenchiam; de certa forma, sentia que a existência começava a ganhar sentido – sensação estranha para uma menina de 15 anos.

Cheguei em casa e, como de costume, me tranquei no quarto para dar espaço aos sentimentos, mas não imaginava que eles fossem ganhar um espaço tão grande. E ganharam, em silêncio e em segredo. Passei semanas revivendo o momento exato em que meus olhos cruzaram com aquela menina e senti tanta vontade de revê-la. Eva nunca mais saiu de dentro de mim.

Pode parecer sorte, mas eu chamo de destino.

Semanas após ter visto Eva pela primeira vez, o time das meninas da equipe de basquete feminino viajou até uma cidade próxima para uma partida, e eu fui junto, não porque jogava bem – eu era um desastre –, mas o técnico convidou meninas que haviam recém-ingressado no time para assistirem aos jogos do campeonato para aprender e também para montar uma torcida organizada na arquibancada e motivar o time. Lá fui eu, sempre gostei dos eventos cheios de gente.

Entreí no ônibus, Eva estava lá e eu senti como naqueles filmes em que as cenas começam a passar em câmera lenta. Cada movimento dela tinha uma leveza bonita e uma continuidade de se admirar, e ela sempre mantinha o sorriso lindo com aqueles dentes brancos perfeitos. Não sei quanto tempo eu fiquei parada enquanto assistia a seus movimentos, mas sei que fiquei sem reação.

De repente, as meninas começaram a entrar no ônibus procurando um lugar para sentar, todas em pares com alguma parceira de time, e elas faziam tanto barulho que eu fui tirada do transe e comecei a procurar um lugar para mim. Só havia um assento livre, e eu me acomodei no banco ao lado da Eva.

Eu juro que não sei dizer se foi uma coincidência feliz ou se eu havia desejado tanto estar perto dela que o universo atendeu, fato é que eu estava ali e eu queria muito que o tempo demorasse a passar para que eu pudesse sentir sua presença de perto por mais tempo.

Nós começamos a conversar de imediato, parecia que nos conhecíamos há tempos; eu acho que é coisa de outras vidas, tamanha intimidade e conexão. Foi assim o caminho todo, ida e volta – pois voltamos lado a lado também no caminho para casa.

Estar ao lado dela era como estar em um lugar conhecido. Nossas conversas fluíam como música solta e, aos poucos, nossas mãos encostaram, nossos braços, nossos ombros... Ao fim da viagem, Eva estava deitada em meu colo, como quem se aconchega depois de um dia cansativo. Eu acariciei seus cabelos e ela caiu no sono, ali, encolhida no banco do ônibus com a cabeça sobre minhas pernas. Não tenho dúvidas, ela dormiu porque se sentia tão bem quanto eu.

Nosso encontro era na verdade um reencontro.

O ônibus parou no ginásio de esportes, Eva e eu seguimos juntas caminhando até a casa dela, um casarão antigo, em frente a uma das principais praças da cidade. Conversamos o caminho todo, eu a deixei na esquina da casa dela, nos despedimos com um abraço e eu segui rumo à minha casa.

Eu estava feliz e eu só tinha um pensamento ecoando em mim: “Eu nunca mais estarei sozinha depois deste encontro”.

O período da adolescência não é simples, é uma fase cheia de inseguranças, medos, questionamentos e descobertas. Tudo é intenso, nada é para amanhã e tudo é para agora.

E, então, meus dias seguiram seu fluxo alternando a escola, as atividades esportivas, aula de espanhol, os afazeres domésti-

cos e uma nova ansiedade: entender o que eu estava sentindo pela Eva.

Uma vida no interior no início dos anos 2000 não era tão livre quanto pode ser hoje. Havia assuntos que eram sempre evitados no âmbito familiar e eu não me sentia à vontade para conversar sobre isso com minhas amigas. Se nem eu mesma entendia, como poderia tentar expressar para alguém?

Eu passei muitos anos escrevendo poesias na tentativa de esvaziar meu coração e dar uma forma mais real e palpável ao que eu sentia por aquela garota, mas não ousei dividir meus sentimentos com ninguém e, sinceramente, não foi difícil esconder da minha mãe que algo – ou alguém – estava me tirando o sono. Minha mãe não percebia, talvez não quisesse ou não soubesse perceber que a filha mais velha estava vivendo a primeira grande paixão da vida. E mais impensável ainda, que ela estava apaixonada por outra garota.

Se tinha uma coisa que eu sabia bem é que nem meus pais, nem os pais das minhas amigas aceitariam com facilidade a homossexualidade em casa. Eu acho que nem mesmo eu aceitava isso naquele momento. Na verdade, eu nem sabia o que significava gostar de alguém do mesmo gênero, porque não se falava disso na escola, na televisão, nos almoços de domingo. Eu achava que o que eu sentia era errado e isso me machucava, principalmente porque, embora parecesse errado, aquele sentimento era puro o bastante para eu acreditar que era amor, ainda que eu não tivesse ideia do que era amar alguém.

Eva me fazia sorrir. Estar com ela sempre foi a melhor parte do meu dia. Eu sempre quis parar o tempo para que nossas tardes durassem mais.

Ela estudava em uma escola particular e eu em uma escola



pública. Seus pais a levavam de carro para a escola e eu ia a pé com minhas amigas. Eu mudei o caminho de casa até a escola para poder passar em frente ao colégio onde ela estudava para ganhar um abraço pela manhã. Ela me esperava. Todos os dias.

Depois da aula, eu voltava para casa a pé, mas, antes, parava na esquina em frente à praça para esperar a Eva passar. Era nosso segundo encontro do dia, mais um abraço, mais uma oportunidade de sentir seu perfume que, para mim, sempre teve cheiro de maracujá.

O almoço passava depressa em minha casa. Meus irmãos e eu ficávamos sozinhos durante a tarde, enquanto minha mãe trabalhava. Eu arrumava o almoço para nós, e comíamos todos rapidamente para partir para nossos interesses pessoais. Já era de costume, o telefone tocava algumas horas depois do almoço, era Eva.

Minha adolescência foi numa década em que ter um telefone celular era raro e a internet era discada, então, eu e Eva nos falávamos por telefone. O papo acabava e nós já tínhamos uma hora e um local pro encontro mais tarde, às vezes tinha treino da turma do basquete, outras vezes nos encontrávamos no clube e de vez em quando ela vinha em minha casa ou eu ia para casa dela. E então, passávamos a tarde juntas trocando segredos e carinhos. Para nós, aqueles momentos eram sagrados.

As coisas começaram a mudar, indícios de uma relação de amor apareciam em nossos gestos diários, mas, enquanto todos já começavam a perceber, nós ainda vivíamos em uma bolha. Eram coisas pequenas, bobas e típicas de duas meninas adolescentes, como, por exemplo, a história do último abraço.

A regra que a gente inventou é que sempre que a gente se despedia e nos abraçávamos, aquele seria o último abraço do

dia, não podíamos abraçar mais ninguém porque queríamos dormir com o abraço uma da outra.

Outra coisa que passamos a fazer e que se tornava muito forte era o abraço quando a gente se cumprimentava. Era tão longo e tão envolvente que a gente passava minutos ali de olhos fechados, sentindo o cheiro uma da outra e sentindo os nossos corações baterem. Esse abraço depois avançou para um abraço seguido de um beijo na boca, tipo selinho.

A cada dia, nossas trocas cresciam, ganhavam mais cara de uma relação amorosa do que de uma relação de simples amigas.

Acontece que, com o tempo, todos suspeitavam que havia algo diferente na maneira como agíamos uma com a outra. Nós também sabíamos que algo potente existia ali, mas nunca falamos sobre isso, acho que tínhamos medo da conclusão a que chegaríamos e, sendo bem honesta, eu me sentia muito mais interessada em viver as experiências com a Eva do que me preocupar em definir ou nomear o que estávamos vivendo.

As pessoas ao nosso redor começaram a dar indiretas, depois a nos questionar e chegavam perguntando se éramos namoradas. Tanto eu quanto ela dizíamos que não. No entanto, no fundo de mim, era assim que eu nos via, mas nunca falei sobre isso com a Eva.

Durante quase dois anos, nós nos arrumamos juntas para ir a festas e dormíamos juntas depois delas. Dormíamos literalmente juntas, grudadas, abraçadas e trocando carinhos. Por bastante tempo, eram apenas carinhos.

Até que o primeiro beijo intenso entre nós aconteceu.

Depois do primeiro beijo, tudo ficou claro: eu a amava. Nós nos amávamos. Era uma descoberta e tanto.

A vontade de beijá-la existia há tempos e tenho certeza que era recíproco, mas não aconteceu antes porque nenhuma de nós nunca tinha beijado uma garota na vida. No nosso círculo de amizade, isso nunca havia rolado. E hoje, relembro tudo isso, vejo o quanto nossos quereres eram naturais, verdadeiros e leves. Nós nos desejávamos e queríamos estar perto, tão perto que era como se pudéssemos entrar uma na outra. O beijo era quase que uma consequência óbvia desse querer tão intenso. Sentir gosto, lábio e língua é penetrar um lugar sagrado, é estar meio que do lado de dentro.

Nosso primeiro beijo foi em sua casa. Era carnaval. Nós fazíamos parte de um bloquinho da cidade e desfilamos a semana toda no carnaval de rua. Já era tarde e estávamos cansadas. Escolhemos algo para assistir na televisão, fizemos bombom de leite em pó e sentamos no sofá para relaxar antes de irmos para cama.

Estávamos tão perto sentadas no sofá que, cada vez que escutávamos um barulho, a gente se afastava rapidamente de tanto medo que alguém nos visse daquele jeito, tão conectadas. Confesso que nem lembro ao que a gente assistia, minha concentração naquela noite era toda nela e no carinho que eu recebia e também oferecia.

Em determinado momento, Eva me beijou o pescoço, meus pelos arrepiaram, meu corpo esquentou e a vontade de me deixar levar parecia mais forte que nunca. Foi quando eu lhe disse: “Se você continuar com isso, eu vou beijar você!” E ela continuou, beijando meu pescoço e passando as mãos nos meus cabelos e em minhas costas, seu corpo todo me dizia para beijá-la e eu o fiz.

Foi um beijo íntimo, com amor e desejo. Começou desesperado como quem tem muita sede, alcança um copo d’água e bebe tudo de uma vez. Alguns minutos depois, o beijo se acalmou e

virou uma degustação lenta e saborosa. Nossos corpos grudados, nossa respiração ofegante, nosso beijo tão silenciosamente esperado finalmente acontecia. Senti que o mundo podia acabar ali. Eu tinha, enfim, descoberto o que era o amor.

Após o beijo, ficamos em silêncio. Eu me afastei, saí do sofá e sentei no chão. Nós nos olhamos e nos perguntamos o que a gente tinha feito. Era uma mistura estranha porque, ao mesmo tempo que tinha sido muito bom, a gente sentia que tinha feito algo errado.

Ficamos tímidas, não tivemos coragem de conversar e fomos nos deitar, juntas. Foi uma noite em claro, não nos beijamos mais, mas nos acariciamos a noite toda. Corpos colados, minhas mãos passeavam pelo seu corpo, eu tocava seus seios e suas mãos delicadamente desvendavam cada pedaço meu. Os rostos estavam tão perto, nariz com nariz, os lábios se tocavam mas não se beijavam.

Fazer tudo o que estávamos fazendo, instigar nossos corpos daquela forma, tudo nos parecia menos errado do que o beijo em si.

No dia seguinte, enquanto ela tomava banho, eu escrevi uma carta tentando expressar o que aquilo tudo significava para mim. Sinceramente, não me lembro do que escrevi, mas tenho certeza que foram palavras de amor. A partir daquele carnaval, o que existia entre nós ganhava cada vez mais e mais espaço dentro de mim e eu me sentia completa. Estranhamente completa.

Os dias com ela foram intensos. Ao seu lado eu vivenciava o amor e isso era novo para mim. Além de novo, era também desafiador. Amar alguém já é por si desafiador, mas amar alguém do mesmo gênero é viver com um segredo constante em uma realidade paralela.

Eu nunca entendi a necessidade de classificar as coisas em categorias. Simplesmente não faz sentido algum; então, um lado meu não classificava minha relação com a Eva, mas havia um outro que questionava aquilo tudo. E, sem dúvidas, o questionamento existia muito mais pelo fato de me sentir deslocada nesse mundo onde tudo é classificável do que por constrangimento íntimo.

No meu mundo ideal, amar alguém não representaria desconforto algum.

Fazendo uma analogia com frutas, todo ser humano pode comer, comprar, amar a fruta que quiser, sem uma lógica muito complexa para isso. De forma bem simples mesmo, o indivíduo se sente livre para provar uma fruta nova e, de repente, passa a amá-la, amar seu gosto, a sensação prazerosa que aparece após degustá-la.

E eu estou muito longe de fazer uma analogia sexual usando os termos comer ou degustar – até poderia, mas não agora. O que quero dizer é que a mesma liberdade que se tem de comer qualquer fruta, qualquer legume ou vegetal, deveria existir quando o assunto é desejar, se interessar, se apaixonar e amar alguém. É extremamente limitante comer apenas morangos quando há uma infinidade de outras frutas. É extremamente limitante reduzir as relações humanas, afetivas e amorosas, em um único padrão de relação.

O amor deveria ser livre.

Nós éramos livres em nossa bolha. Sempre que estávamos juntas, sentíamos que tínhamos o bastante. Progressivamente, fomos deixando de passar as tardes no clube da cidade, porque preferíamos ficar juntas em casa – na sua ou na minha. A gente queria estar perto. A gente se descobria mútua e afetivamente.

As horas nunca eram o bastante, queríamos mais tempo, sempre mais tempo.

E o tempo correu. Sem que pudéssemos perceber, havia passado um ano e alguns meses – nunca saberemos com exatidão. Um ano e alguns meses de uma história de amor, conexão e uma verdade-mentira que se fazia necessária naqueles tempos interioranos. Ainda que sob a proteção da nossa bolha, nós nos permitimos viver a nossa verdade. A mentira era constante, ninguém sabia o que vivíamos às escondidas, e ninguém podia saber.

Éramos tão jovens, e naquela época não pudemos perceber, nem ter uma mínima noção que fosse, que o que estávamos vivendo era uma relação amorosa, um envolvimento de amor entre duas meninas do interior do estado de São Paulo.

Faltava maturidade para entender a profundidade daquele oceano onde mergulhávamos. No entanto, a falta de maturidade nos dava um tanto de coragem incosequente que nos colocava em situações de risco quase todos os dias. Frequentemente, estávamos prestes a ser descobertas e a gente não queria isso, ou no fundo talvez quiséssemos para ficarmos enfim livres daquele sentimento pesado de viver escondendo algo que nos fazia tão bem.

Éramos duas adolescentes, apaixonadas, num envolvimento instigante que, de tão desconhecido, fazia com que a razão se perdesse. Foi um tiro no escuro, mas a coragem incosequente nos fez viver o desejo e a paixão uma pela outra em todos os lugares por onde a gente passava. As paredes do quarto eram testemunhas de um amor puro que nascia ali, num momento da nossa vida onde não havia sexo em si, mas havia sexualidade, e mais que isso, havia desejo. No fim das contas, o desejo é algo que move as pessoas e, entre Eva e eu, o desejo era impulso, ele nos movia na direção uma da outra.

As paredes dos banheiros dos ginásios esportivos, o banheiro do clube, os banheiros das festas, sempre tivemos quatro paredes sendo telespectadoras de um amor que não sabia o tamanho nem a força que tinha, mas que queria existir... e existia.

Por todo aquele tempo, tínhamos um medo contraditório de sermos pegas e fomos incapazes de ver que o que mais nos entregava não eram as horas trancadas no quarto ou nos beijando dentro de algum banheiro, e sim os olhares apaixonados que trocávamos perto de quem quer que fosse.

Nós nos olhávamos como se pudéssemos nos penetrar, ultrapassar a camada de carne que nos envolve e enxergar dentro do coração. Eu procurava seu olhar em meio a multidões. Eu a enxergava, a via e a admirava, mas os outros também nos viam e a gente não percebia. Nossos olhares eram só nossos enquanto os olhares dos outros eram para nós. Falando a verdade, eu sentia como se estivesse vivendo em um mundo alternativo. Eu não tinha consciência das coisas ao meu redor, eu estava imersa em algum lugar no oceano que levo no fundo do meu coração e eu não queria nada além de nadar naquelas águas sem pressa e com vontade.

Todos os dias com ela foram intensos e repletos de sentimentos novos que nasciam e me dominavam. Incompreensivelmente, da mesma forma abrupta e docemente feroz com que entramos na vida uma da outra, nós nos afastamos. E, pra falar a verdade, naquele período de juventude, e no auge da paixão que sentia por ela, não enxerguei que era eu quem a afastava. Digo isso sem culpa e sem pesar, eu era jovem demais, e, além da pouca maturidade, estava também vivendo uma relação pela primeira vez, e com o agravante de ser uma relação totalmente

fora das expectativas para nós impostas, e por isso não tinha com quem me abrir sobre o que sentia.

Eu vacilei e me perdi em possessividade e ciúmes. Levou muito tempo para que eu entendesse que esses sentimentos extremamente humanos são, na verdade, nocivos e contrários ao que é o amor. No entanto, sendo eu uma menina amando outra menina pela primeira vez, eu me perdi no medo do que sentia e no medo de perder o que estávamos vivendo.

Eu não sabia amar. Não sei se nascemos sabendo. Nem sei se, de fato, o amor pode ser aprendido.

Tenho para mim que nossas relações familiares moldam a maneira com que oferecemos o amor a alguém. Acredito ainda que as experiências com nossa família e o modo como eles nos amam moldam a maneira como vivemos o amor. Em algum grau, eu sofri influências pela maneira como o amor me foi apresentado no núcleo familiar e interiorizei um estranho jeito de amar que acreditava que era preciso virar uma coisa só, viver uma fusão, para que o amor existisse entre duas pessoas. Desta forma, me coleí à Eva, e ela se sentiu sufocada. Fato é que eu não me sentia segura com o amor que ela me oferecia, e à medida que a insegurança me dominava, eu tentava dominar a Eva.

O resultado do meu modo de amar às avessas foi o afastamento. Foi o fim do meu conto de fadas fora do padrão. Ainda que isso tenha acontecido há tantos anos, tenho em mim viva a lembrança dessa noite no alpendre da casa da Eva. A noite do ponto final.

Era uma noite quente e seca, as fagulhas da queima da cana pairavam no ar. Eva e eu estávamos em sua casa e a conversa já tinha sido anunciada dias antes. Eu tentei evitar esse dia, acho que dentro de mim eu já sabia que uma ruptura estava por vir. E veio.



Senti que já não havia mais caminho para fuga quando Eva me chamou para ir para fora da casa, ela buscava um lugar silencioso e fora dos ouvidos atentos da sua mãe, que naquela época não aceitava nossa relação tão próxima.

Nós nos acomodamos no alpendre na entrada da casa – era um casarão, patrimônio histórico da nossa cidade que mantinha a arquitetura original – e ali ficamos por longas horas.

Confesso que não me lembro bem das nossas falas, me lembro mais das falas da Eva do que das minhas; no entanto, me lembro de muitas lágrimas, um dilúvio que meus olhos não conseguiam conter. Eu queria muito ter sido acolhida naquela noite, ter sido botada no colo.

Eu me senti uma criança não amada e abandonada.

Tenho recordações confusas de Eva me dizendo que ela se sentia controlada por mim, que eu era apegada demais e que ela sentia que não tinha espaço. Talvez não tenham sido essas as palavras que ela usou, mas foi o que meu cérebro captou.

Se me concentro, consigo me colocar como telespectadora daquela cena. Sou capaz de olhar aquelas duas garotas sentadas no chão, jogadas contra a mureta, envoltas por uma energia densa que não combinava nenhum pouco com o sentimento que as tinha unido.

Eu sou realmente capaz de assistir à cena de um muro sendo construído entre aquelas duas meninas, tijolo por tijolo, fala por fala, até que uma não podia mais tocar a outra do outro lado.

Foi a Eva quem alinhou e empilhou os tijolos, mas, inconscientemente, eu já estava preparando o cimento através de cada atitude ciumenta, possessiva e extremamente refém de uma insegurança ainda imensurável.

Eva sempre foi decidida, ainda que levasse tempo para verbalizar suas decisões, uma vez a escolha feita, dificilmente ela voltava atrás. E naquela noite não foi diferente. A decisão era o afastamento e foi exatamente o que ela me pediu: *distância*.

Meu coração ficou em pedaços, eu liguei para minha mãe pedindo que ela me buscasse, eu não tinha forças para fazer o caminho de volta para casa, aquele caminho tão familiar que percorri centenas de vezes sorrindo agora parecia distante e assustador demais. Sempre fui uma menina sensível que sentia tudo com uma intensidade capaz de abrir buracos profundos, e na escuridão daquela noite estrelada, o buraco que eu cavei me jogou pro fundo.

Entreí no carro da minha mãe, eu era um oceano. Água salgada que ardia.

Os dias que passaram após aquela noite foram de incompreensão e sofrimento típicos da adolescência, passava horas no quarto escrevendo no meu caderno de segredos, ouvindo a mesma música triste repetidas vezes porque eu queria jorrar toda aquela tristeza de uma só vez. Mas ainda que eu insistisse em me esvaziar, eu estava afogada.

Em casa, nunca me perguntaram o que estava acontecendo, não havia muito tato para esse tipo de conversa, houve apenas um comentário da minha mãe insinuando que aquele sofrimento todo estava parecendo dor de fim de namoro. E era.

Não havia colo nem acolhimento.

Foi a primeira vez que sofri por alguém. Ainda que pareça um fato triste demais, Eva foi meu primeiro amor e minha primeira dor, e eu não consigo entender o porquê dessas palavras rimarem. As rimas são feitas do mesmo sufixo, e amor e dor não são feitos da mesma coisa. São sentimentos que vivem em luga-

res opostos dentro da gente. São espécies diferentes na classificação dos sentires. Eu gostaria de rimar amor apenas com palavras bonitas, amor com flor, cor, louvor; mas nunca, nunca na vida rimar *amor e dor*. Amor não deveria doer, mas sei que, às vezes, dói.

Os dias seguiram, no mesmo ritmo, com os mesmos percursos e mesmas pessoas, exceto a Eva. Em meu caminho para escola, na ida e na volta não havia mais Eva. Seu abraço me faltava. Eu a via todos os dias quando passava em frente ao seu colégio, mas ela não falava comigo.

O muro entre nós ficou demasiadamente grande.

Eu não a via mais.

# CO RA ÇÃ O OCEANO

uma autoficção de RAÍSSA IJANC'



se você gostou desse capítulo,  
não deixe de garantir o seu  
exemplar clicando no link abaixo:

**CORAÇÃO OCEANO - peça aqui**

editora



.com.br